

## PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA VIOLÊNCIA À PESSOA IDOSA NO BRASIL

**Allanna Stephany Cordeiro de Oliveira<sup>1</sup>**, Werlídya Kácia Lopes Vieira Dos Santos<sup>2</sup>,  
Allan Batista Silva<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Centro Universitário UNINASSAU, (allannastephanny@gmail.com)

<sup>2</sup> Centro Universitário UNINASSAU, (werlidya@hotmail.com)

<sup>3</sup> Centro Universitário UNINASSAU, (profallan17@gmail.com)

### Resumo

**Objetivo:** Analisar o perfil sociodemográfico da violência à pessoa idosa no Brasil, no período de 2013 a 2019. **Método:** Trata-se de um estudo ecológico do tipo descritivo e exploratório, com abordagem quantitativa. Os dados referentes ao número de casos notificados de violência contra os idosos foram coletados na base de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN, em que as variáveis estudadas foram: região, sexo, raça, escolaridade e tipos de violência. A análise foi realizada na Microsoft Office Excel 2016, onde os dados foram tabulados e analisados. **Resultados:** Foi visto que cerca de 120.131 mil idosos no Brasil notificaram casos de violências no período estudo, em que ao passar dos anos o número só aumenta, onde o ano de 2019 demonstrou uma quantidade de 23.702 notificações, sendo a região Sudeste com maior quantitativo sendo responsável por 49% dos casos, no qual as mulheres demonstraram sofrer mais violências com percentual de 55% do total, além de possuírem baixa escolaridade e serem da raça branca, como também a violência física foi a mais predominante, representando 45%. **Considerações finais:** É necessário formular políticas e estratégias voltadas ao combate e controle dos crimes violentos contra idosos, a fim de reduzir a frequência dos maus-tratos.

**Palavras-chave:** Idoso; Violência; Epidemiologia.

**Área Temática:** Temas livres.

**Modalidade:** Trabalho completo

### 1 INTRODUÇÃO

Há um número maior de idosos em todo o mundo, no qual, deve-se às modificações socioeconômicas que definiram grandes inovações científico-tecnológicas, relacionadas a condições de vida melhores (AGUIAR et al., 2015).

Contudo, na família tradicional, numerosa, onde todos moravam juntos, cuidar dos mais velhos era de responsabilidade da família, sendo um privilégio tê-los por perto. Mudanças diversas vêm desconstruindo esse modelo familiar. Atualmente, a família se modifica, se adapta

e se remodela por conta da diminuição do número de filhos, das diversas maneiras de casamentos e relacionamentos, dos recasamentos, do aparecimento de novas funções pessoais e institucionais, das variações nas relações de sexo e na participação da mulher no mercado de trabalho. Dessa forma, o aumento da longevidade, o maior número de idosos e as mudanças nas funções e na estrutura da família espelham no cuidado ao idoso, que pode vir a se tornar vítima de maus-tratos (MALLET et al., 2016).

Que remete a uma variedade de conceitos que indicam o fenômeno da violência, contra a pessoa idosa, podendo ser citados a negligência, os maus-tratos, os abusos e a violência física. Visto isso, é considerado maus-tratos na terceira idade com um único ato ou repetido, ausência de ação apropriada, acontecendo dentro de uma relação de confiança e que cause sofrimento, dano ou angústia para a pessoa idosa. Os maus-tratos também podem ser assimilados como uso da violência para coagir os idosos a fazerem o indesejado, provocar-lhes dor, feri-los, morte ou incapacidade (SILVA; FRANÇA, 2015).

Dentre o período de 2013 a 2017 o número de idosos violentados chegou a 74.087 (SINAN, 2020). Violências estas que acontecem no âmbito das organizações de assistência social e saúde, que maus tratos, impessoalidade e negligências são denúncias frequentes. Além disso, nas famílias, negligências e abusos, preconceitos e discriminações, problemas de espaço físico, choque de gerações, dificuldades financeiras, habitam somar a um fictício social que considera a senilidade como a “decadência” do humano (SILVA; DIAS, 2015).

Dessa maneira, frequentemente, a violência intrafamiliar e doméstica é subnotificada. Assim, em proteção do agressor (membro familiar), o idoso abstrai e ainda justifica a agressão sofrida. Contribuem para isso: o sentimento de menos valia; a obstáculo em expor os males familiares e de deixar em público a sua vida privada (MALLET et al., 2016).

Assim, a estimativa da violência à pessoa idosa em um público representa desafiadora e importante tarefa, em principal, para o planejamento de táticas de enfrentamento do problema em grau de promoção da saúde, diagnóstico precoce e assistência das vítimas e dos familiares (SANTANA; VASCONCELOS; COUTINHO, 2016).

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo analisar o perfil sociodemográfico da violência à pessoa idosa no Brasil, no período de 2013 a 2019.

## 2 MÉTODO

O presente estudo trata-se de um estudo ecológico do tipo descritivo e exploratório, com abordagem quantitativa. Os dados referentes ao número de casos notificados de violência contra aos idosos (pessoas acima de 60 anos) foram coletados na base de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN, disponíveis pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde – DATASUS (BRASIL, 2021). As variáveis coletadas nesta base de dados foram: ano de notificação, região, sexo, escolaridade, raça, e o tipo de violência. Ressalta-se que os dados obtidos são pertencentes aos anos de 2013 a 2019 e que foram reunidos entre 22 e 23 de junho de 2021.

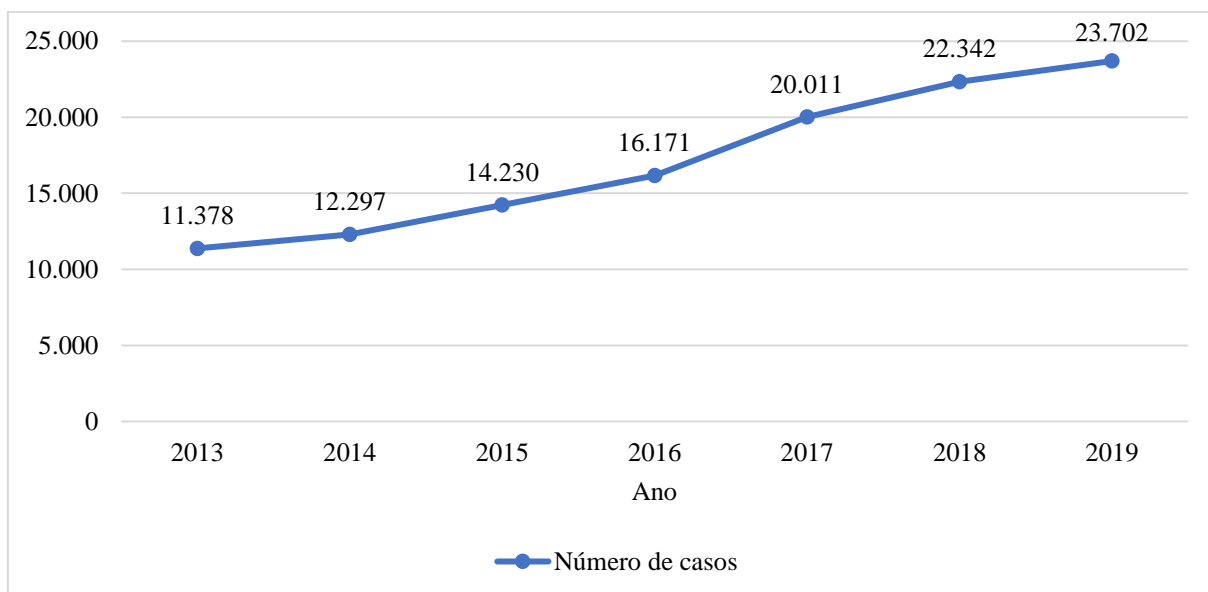
Além disso, vale salientar que as variáveis independentes utilizadas foram: sexo, escolaridade, raça e tipo de violência. E a variável dependente: o número de casos de violência notificados.

Os dados foram tabulados e analisados através do programa Microsoft Office Excel 2016. Além disso, por tratar-se de um banco de dados de acesso livre, não se fez necessário submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa, de acordo com a Resolução 510/16.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados mostram que entre 2013 e 2019 foram registrados 120.131 casos de violência contra ao idoso, no Brasil, com uma média anual de 17 mil casos. Ao longo do período analisado, como apresentado no Gráfico 1, observa-se aumento no número de casos ao passar dos anos. Em 2013 foram registrados 11.378 casos, enquanto em 2019 foram 23.702, sendo o ano que apresentou o maior número de casos do período em estudo.

**Gráfico 1:** Distribuição de casos notificados de violência à pessoa idosa, Brasil, 2013-2019.



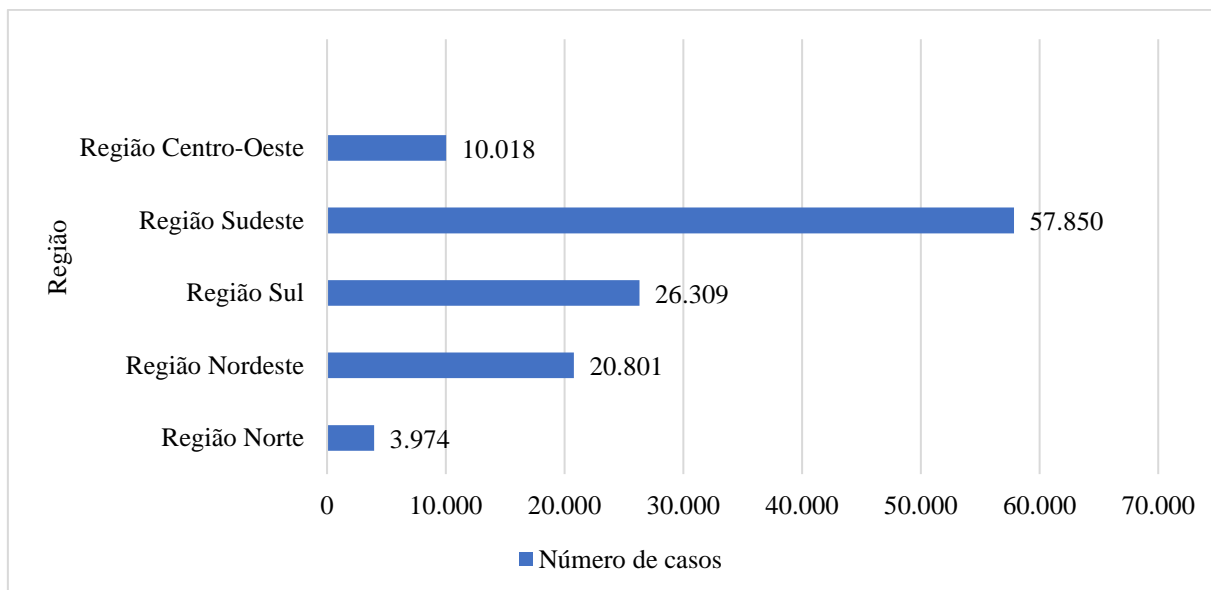
Fonte: SINAN, 2021.

Em relação ao aumento da frequência de violência contra idosos, foi encontrada correlação na literatura científica, em que se acredita que devido à redução do planejamento e da prevenção em alguns países, esse número pode ser ainda maior com o passar dos anos (YON et al., 2017).

Sendo importante considerar que pesquisas baseadas em notificações dos sistemas de saúde e policiais não correspondem à situação geral de maus-tratos físicos e principalmente psicológicos relacionados a idosos, pois esses abusos são abrangentes, complexos e de difícil captura. Essa diferença está relacionada à dificuldade de notificação dos casos, pois os próprios idosos não têm coragem de protocolar queixas formais contra seus infratores em instituições judiciais, pois muitas vezes se sentem inseguros e desprotegidos (SANTOS et al., 2007).

Nota-se um maior número de casos na região Sudeste, sendo responsável por 49% dos casos com 57.850, seguido da região Sul com 26.309 (22%) dos casos. E a região com o menor número é a Norte com apenas 3.974 (3%) dos casos, como mostra o Gráfico 2.

**Gráfico 2:** Distribuição de casos notificados de violência à pessoa idosa, por regiões do Brasil, 2013-2019.

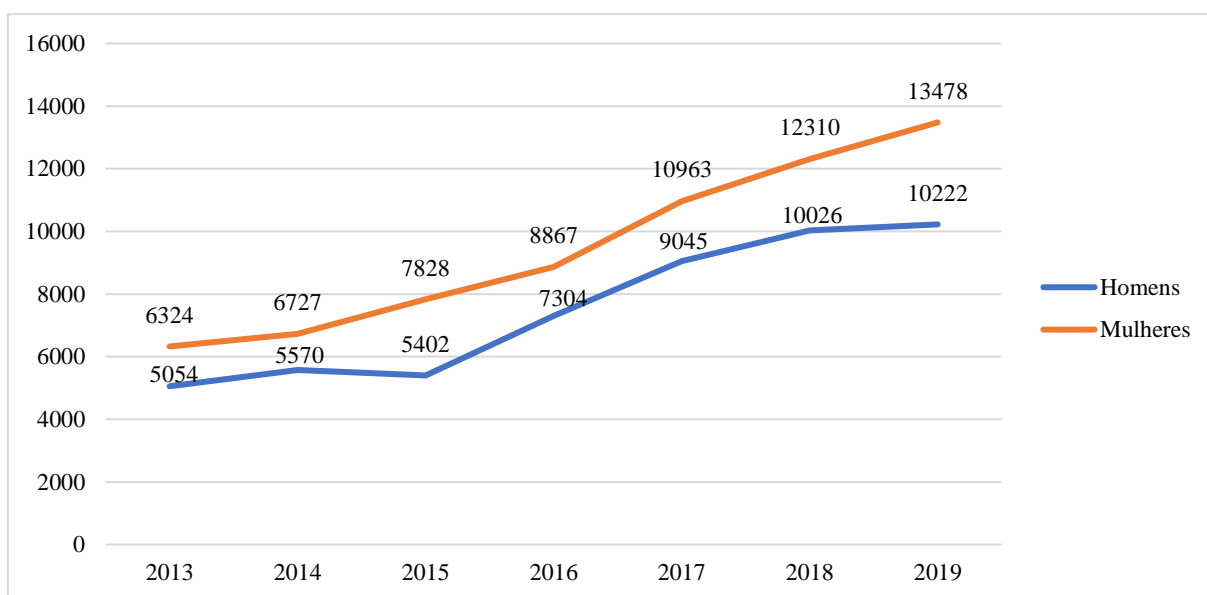


Fonte: SINAN, 2021

Portanto, conforme confirma a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), desenvolvida pelo Instituto Brasileiro, a Região Sudeste concentra a maior população de 60 anos ou mais. Portanto, comparada com outras regiões, a região Sudeste é caracterizada pela maior população e pelo maior grau de industrialização, por isso é capaz de registrar quantitativos de violência contra os idosos (BRASIL, 2019)

Da totalidade de casos notificados, verificou-se que 55% foram do sexo feminino e 45% do sexo masculino. As mulheres apresentaram uma média anual 9.497 casos e os homens de 7.660 casos ao ano. Em todos os anos observados o número de casos do sexo feminino se manteve superior em relação ao sexo masculino, como é descrito no Gráfico 3.

**Gráfico 3:** Distribuição de casos notificados de violência à pessoa idosa, no Brasil, 2013-2019, por sexo.



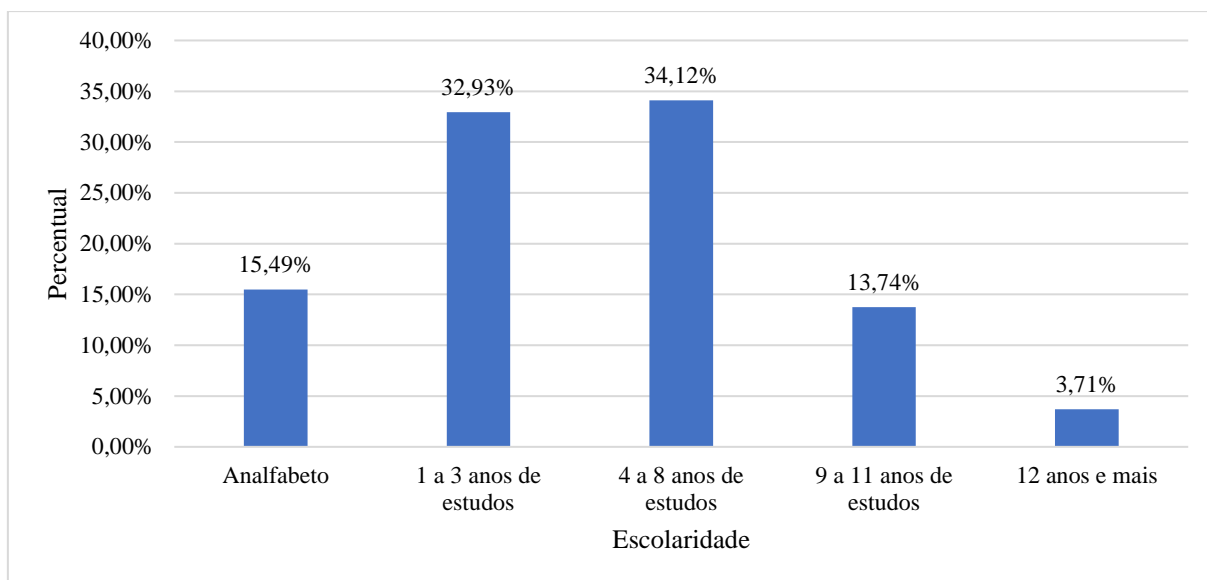
Fonte: SINAN, 2021.

Esses dados confirmam a maioria dos resultados de estudos em outros países, que indicam que as mulheres têm maior probabilidade de sofrer abusos do que os homens. Quando as mulheres mais velhas se tornam mais vulneráveis devido ao envelhecimento, geralmente são caracterizadas por níveis elevados de doenças crônicas e incapacidades, o que cria dependência multidimensional, aumentando assim sua vulnerabilidade (TAVEIRA; OLIVEIRA, 2020).

Por outro lado, alguns autores apontam que devido à dinâmica de dominação de gênero, as principais vítimas da violência são as mulheres, o que se reflete nas relações de poder dentro e fora da família. Nesse raciocínio, outra explicação não é porque os problemas das mulheres são mais graves, mas porque a taxa de detecção desse gênero é maior, pois as mulheres procuram atendimento e afirmam ser violentadas com mais frequência do que os homens (NOGUEIRA, FREITAS, ALMEIDA, 2011).

Em relação ao nível de escolaridade observa-se que os idosos com níveis entre 1 ano a 8 anos de estudos são os mais afetados acerca da violência, sendo o total de 67,28% quando somado os níveis de 1 a 3 anos com 4 a 8 anos de estudos, dentro o total de casos notificados que tiveram o registro da escolaridade (Gráfico 4). Salienta-se que do total de registros foi ignorado em 57.584 a escolaridade, mostrando que ocorre um subregistro de algumas variáveis importantes para a análise do perfil de casos como um todo.

**Gráfico 4:** Distribuição do percentual dos casos notificados de violência à pessoa idosa, de acordo com a escolaridade, Brasil, 2013-2019.



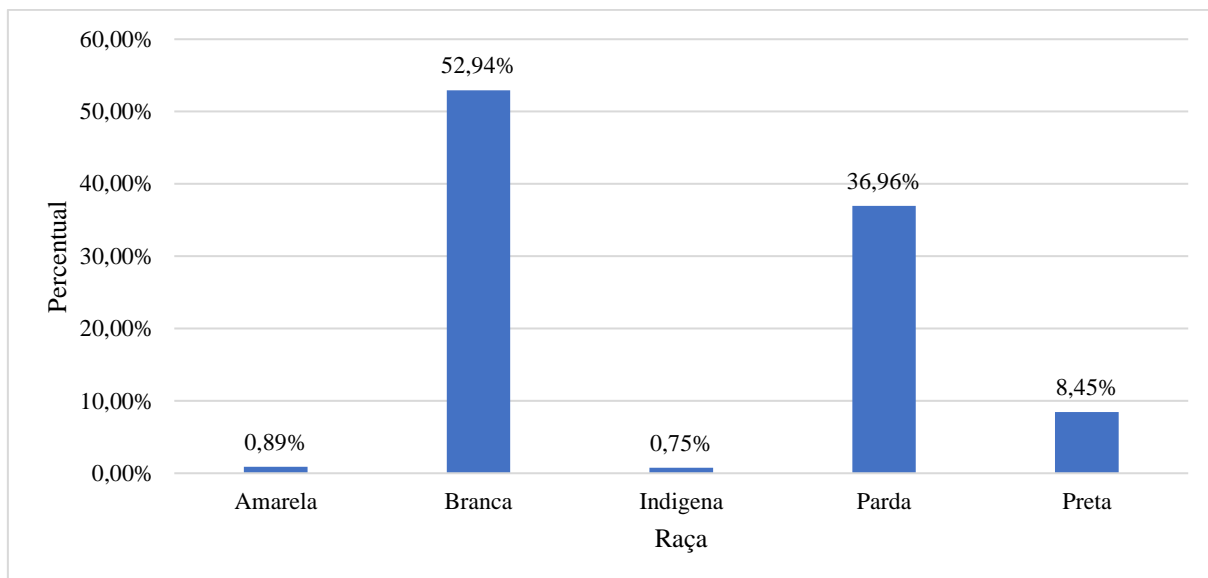
Fonte: SINAN, 2021.

Os elevados números nos itens ignorados / em branco estão relacionados ao fato de esses dados não serem obrigatórios no preenchimento da ficha de notificação. Poucos profissionais preenchem e entendem a necessidade de determinar o nível de escolaridade da vítima. Segundo Baptista (2007), considerar a falta de escolaridade de forma isolada não é fator de risco, mas sim as consequências da falta de escolaridade, como a dificuldade de leitura para obter informações sobre formas de prevenir ou solucionar problemas.

Assim, segundo Aguiar et al (2015), o tempo de estudo é um fator de risco para a violência, pois os idosos com baixa escolaridade são mais dependentes das atividades cotidianas, têm menos acesso às informações e carecem de apoio social, o que os expõe ao adoecimento-tratamento. Por outro lado, na pesquisa de Lima e colaboradores (2019) aponta que os idosos que sofrem violência possuem maior escolaridade, indicando que o fator escolaridade não é um fator protetor, pois os idosos são vulneráveis à violência independentemente do tempo de estudos

Relacionado à raça, dentre os registros que possuíram suas descrições, verificou que existe uma maior quantidade de casos notificados da raça branca, 56.526 (52,94%) do total de casos, seguido da parda com 39.462 (36,96%), como mostra o (Gráfico 5). A variável raça foi ignorada em 13.359 registros.

**Gráfico 5:** Distribuição do percentual dos casos notificados de violência à pessoa idosa, de acordo com a raça, Brasil, 2013-2019.



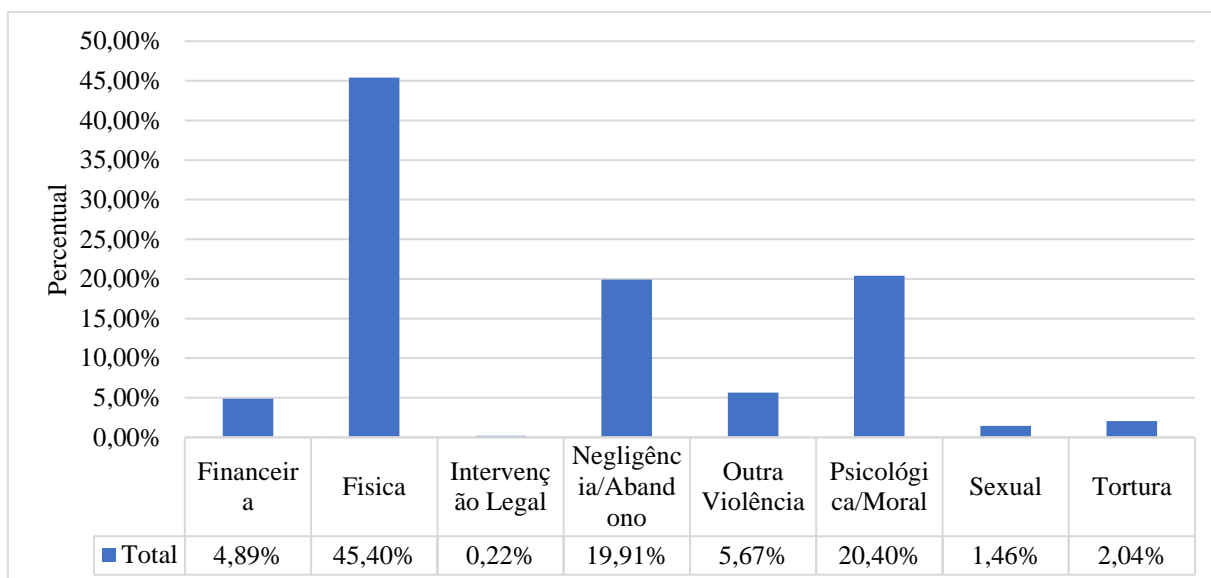
Fonte: SINAN, 2021

A maioria das denúncias envolve idosos brancos, o que condiz com os resultados da investigação do SINAN-Net de 2010 sobre notificações de violência captadas pela secretaria de saúde. No entanto, esse resultado difere de outros autores, que apontam que negros e pardos são os mais vulneráveis à violência, pois a construção social da exploração associada aos negros é fruto do legado da escravidão e traz preconceito e discriminação. Nesse sentido, ser idoso de um grupo negro parece ser um fator de risco para violência, mas outros estudos enfatizam o fato de que a cor está relacionada às condições de vida. Portanto, negros e pardos podem se tornar grupos vulneráveis à violência, não apenas por causa da cor da pele, mas também por causa de sua pobreza (TAVEIRA; OLIVEIRA, 2020).

Também é visto que 45% dos casos trata-se de violência física, em que logo em seguida a psicológica vem em segundo lugar do tipo de violência mais prevalente dos casos notificados, como mostra o gráfico 6.

**Gráfico 6:** Distribuição do percentual dos casos notificados de violência à pessoa idosa, de acordo com o tipo de violência, Brasil, 2013-2019.





Fonte: SINAN, 2021.

Para os pesquisadores, o tipo mais comum é a violência física, seguida da negligência / abandono, comprovando que a violência física é mais fácil de detectar. Portanto, os profissionais de saúde podem detectar a violência por meio de exames físicos e coletar informações ao longo da história clínica para verificar que se trata de uma situação isolada ou de uma prática rotineira, para um planejamento e intervenção adequados (SILVA; DIAS, 2016).

Quanto aos tipos de violência psicológica, como abuso verbal e emocional, em comparação com outros tipos evidentes, tem maior impacto nos idosos e estimula o aparecimento de depressão. Para outros pesquisadores, a dor psicológica causada pode ser mais grave do que a própria situação violenta, deixando uma marca profunda nas vítimas e observadores. O abuso de idosos com depressão muitas vezes reduz gradativamente a qualidade de vida ou desencadeia pensamentos suicidas (PARK, 2019).

## 4 CONCLUSÃO

Portanto, através desta pesquisa foi visto um aumento na frequência de registros de casos contra o idoso no recorte histórico e geográfico analisados. Por se tratar de um complexo fenômeno internacional e nacional, como também um problema de saúde pública é necessário que ocorra outros estudos para melhor forma de elucidação desta fragilidade social.

Embora esta pesquisa apresente fragilidades, contribui bastante para o melhor esclarecimento da questão e pode subsidiar outros trabalhos que analisem questões relacionadas ao assunto. Nos diversos campos que constituem esse fenômeno ruidoso, o número de documentos sobre o tema de análise é bem diminuído, o que pode dificultar o desenvolvimento

desta pesquisa. Por outro lado, no processo de levantamento e análise dos dados adquiridos, também se constatou que a subnotificação dos registros de violência contra o idoso dificultou a explicação da gravidade do problema analisado, o que também resultou em limitações.

É necessário formular políticas e estratégias voltadas ao combate e controle dos crimes violentos contra idosos, a fim de reduzir a frequência dos maus-tratos. Por outro lado, além das instituições políticas, familiares de idosos, associações distritais, municipais, estaduais e nacionais e órgãos de defesa e apoio precisam se unir para garantir que os abusos e crimes violentos sejam rejeitados e combatidos em todas as situações.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, M.P.C de et al. Violência contra idosos: descrição de casos no Município de Aracaju, Sergipe, Brasil. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 2, p. 343-349, 2015.

BAPTISTA, M. N. Suporte Familiar e Violência. In: Romaro, R. A.; Capitão, C. G. (Org.) **As faces da violência: aproximações, pesquisas e reflexões**. São Paulo: Vetor, 2007, p.11-31.

BRASIL. Ministério da Economia. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas Coordenação de Trabalho e Rendimentos**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rio de Janeiro: IBGE. 2019.

LIMA, J.P et al. O perfil da violência em idosos inseridos na universidade da maturidade. **Revista Humanidades e Inovação**, v.6, n.11, p. 167-175, 2019.

MALLET, S.M et al. Violência contra idosos: um grande desafio do envelhecimento. **Revista Médica de Minas Gerais**, v.26, n. Supl 8, p. 408-413, 2016.

NOGUEIRA, C.F; FREITAS, M.C; ALMEIDA, P.C. Violência contra idosos no município de Fortaleza, CE: uma análise documental. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.14, n.3, p. 543-54, 2011.

PARK, E.O. Tipo mais prevalente de abuso aos idosos e sua correlação com depressão do idoso. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n.1, p. 95-100, 2019.

SANTANA, I.O.; VASCONCELOS, D.C; COUTINHO, M.P.L. Prevalência da violência contra o idoso no Brasil: revisão analítica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.68, n.1, p. 126-139, 2016.

SANTOS, A.C.P.O et al. A construção da violência contra idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 10, n.1, p. 115-128, 2007.

SILVA, C.F.S; DIAS, C.M.S.B. Violência contra idosos: perfil sociodemográfico dos familiares agressores, tipos de violência impetrada e motivações para sua ocorrência. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 7, n. 2, p 563-81, 2016.

SILVA, E.A; FRANÇA, L.H.F.P. Violência contra idosos na cidade do Rio de Janeiro. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 1, p. 155-177, 2015.

SINAN. Sistema de Informação de Agravos de Notificação. **Violência Doméstica, Sexual E/Ou Outras Violências**. Disponível em: <  
<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinannet/violencia/bases/violebrnet.def>>. Acesso em: 23 jun 2021.

TAVEIRA, L.M; OLIVEIRA, M.L.C. Perfil da violência contra a pessoa idosa registrada no disque 100 de 2011 a 2015, Brasil. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, v. 14, n.2, p.120-7, 2020.

YON, Y et al. Elder abuse prevalence in Community settings: a systematic review and meta-analysis. **Lancet Global Health**, v. 5, n.1, p. 147–156, 2017.